

Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

14 jan. 2025

Versão final

18 ago. 2025

Aprovado

26 set. 2025

Construindo intersecções: Bíblia, literatura e psicanálise

Building Intersections: Bible, Literature, and Psychoanalysis

Everton Nery Carneiro¹ , Claudia Regina de Oliveira Vaz Torres² 

¹ Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Tecnologias Educacionais. Valença, BA, Brasil. Correspondência para: E. N. CARNEIRO. E-mail: <ecarneiro@uneb.br>.

² Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social. Serrinha, BA, Brasil.

Como citar este artigo: Carneiro, E. N.; Torres, C. R. O. V. Construindo intersecções: Bíblia, literatura e psicanálise. *Reflexão*, v. 50, e2514966, 2025. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v50a2025e14966>.

Resumo

Este estudo investiga as intersecções entre a Bíblia, a literatura e a psicanálise, analisando como os textos bíblicos influenciam a produção literária e como a psicanálise pode aprofundar essa compreensão. A pesquisa busca identificar elementos simbólicos e psicológicos nas narrativas bíblicas e sua relevância na construção de temas literários e psicanalíticos. Para isso, adota uma abordagem interdisciplinar baseada nas teorias de Freud e Jung, explorando conceitos como inconsciente, arquétipos e identidade. A metodologia inclui revisão bibliográfica, análise textual e estudo de caso de obras literárias influenciadas pela Bíblia. Os objetivos específicos envolvem a análise de conceitos psicanalíticos nos textos bíblicos, a investigação de sua influência na literatura, a avaliação crítica da apropriação de temas bíblicos para discutir questões psicanalíticas e a interpretação dessas conexões na literatura contemporânea. Espera-se que este estudo contribua para um entendimento mais profundo e largo das influências mútuas entre essas áreas, promovendo um diálogo acadêmico sobre valores, crenças e estruturas simbólicas na cultura e na subjetividade humana. Os resultados também visam preencher uma lacuna na pesquisa interdisciplinar e fornecer novas perspectivas teóricas e metodológicas para futuras investigações acadêmicas.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Literatura. Psicanálise. Simbolismo.

Abstract

This study investigates the intersections between the Bible, literature, and psychoanalysis, analyzing how biblical texts influence literary production and how psychoanalysis can deepen this understanding. The research seeks to identify symbolic and psychological elements in biblical narratives and their relevance in the construction of literary and psychoanalytic themes. To this end, it adopts an interdisciplinary approach based on the theories of Freud and Jung, exploring concepts such as the unconscious, archetypes, and identity. The methodology includes a bibliographic review, textual analysis, and case studies of literary works influenced by the Bible. The specific objectives involve the analysis of psychoanalytic concepts in biblical texts, the investigation of their influence on literature, the critical evaluation of the appropriation of biblical themes to discuss psychoanalytic issues, and the interpretation of these connections in contemporary literature. It is expected that this study will contribute to a deeper and

broader understanding of the mutual influences between these areas, promoting an academic dialogue on values, beliefs, and symbolic structures in culture and human subjectivity. The results also aim to fill a gap in interdisciplinary research and provide new theoretical and methodological perspectives for future academic investigations.

Keywords: *Interdisciplinarity. Literature. Psychoanalysis. Symbolism.*

Introdução

A Bíblia, considerada um dos textos mais influentes da história da humanidade, transcende sua função religiosa para se estabelecer como uma fonte recheada de símbolos, narrativas e temas que permeiam diversas áreas do conhecimento. Na literatura, seu impacto é inegável, servindo como inspiração para escritores de diferentes períodos históricos. Por outro lado, a psicanálise, com suas teorias sobre o inconsciente, a identidade e os conflitos internos, oferece ferramentas valiosas para a interpretação desses textos, permitindo uma compreensão mais profunda e larga das dinâmicas psicológicas envolvidas.

Este estudo, intitulado “Construindo Intersecções: Bíblia, Literatura e Psicanálise”, tem como objetivo geral analisar as intersecções entre a Bíblia, a literatura e a psicanálise. Buscamos explorar como os textos bíblicos influenciam a literatura e como a psicanálise pode oferecer uma compreensão mais profunda dessas influências. Para isso, estabelecemos quatro objetivos específicos: (1) analisar e identificar os elementos e conceitos psicanalíticos presentes nos textos bíblicos, elucidando sua relevância e implicações; (2) investigar a influência da Bíblia em obras literárias de diferentes períodos históricos, destacando como os temas e narrativas bíblicas foram incorporados e reinterpretados; (3) avaliar criticamente como a literatura utiliza símbolos, temas e narrativas bíblicas para explorar e refletir sobre questões psicanalíticas, como o inconsciente, a identidade e os conflitos internos; e (4) examinar a recepção e a interpretação dos temas bíblicos e psicanalíticos na literatura contemporânea, identificando tendências, debates e novas abordagens na crítica literária e psicanalítica.

Nosso interesse por este tema surge do diálogo contínuo que temos realizado, não somente na esfera pessoal, mas também entre as áreas de formação acadêmica a que estamos vinculados: teologia e psicanálise. A literatura se insere nesse contexto com vigor, pois é pura textualidade, sendo vida em toda sua plenitude e rigor. Além disso, nosso fascínio pela amplitude, força simbólica e narrativa da Bíblia motiva esta investigação. Acreditamos que este estudo pode ampliar a compreensão sobre a intersecção entre essas três áreas do conhecimento, permitindo uma análise mais intensa e multifacetada dos textos literários ditos sagrados, no nosso caso, a Bíblia.

Do ponto de vista social, entendemos que a Bíblia é um texto fundamental na formação cultural e moral de muitas sociedades. Compreender suas influências na literatura e na psicanálise pode fornecer compreensões valiosas sobre os valores, crenças e comportamentos humanos, promovendo um diálogo mais informado, crítico e reflexivo sobre questões culturais e sociais. Cientificamente, este estudo busca preencher uma lacuna na pesquisa interdisciplinar, combinando métodos psicanalíticos com a análise literária e teológica. Ao explorar as intersecções entre a Bíblia, a literatura e a psicanálise, esperamos a contribuição para um entendimento mais abrangente dos textos e de suas influências mútuas, oferecendo novas perspectivas teóricas e metodológicas para futuros estudos.

Para alcançar nossos objetivos, utilizamos um referencial teórico baseado nas obras de Sigmund Freud, especialmente em seus fundamentos da psicanálise e interpretações psicanalíticas

de textos religiosos, e de Jung, com sua análise dos arquétipos³ e símbolos presentes na Bíblia e na literatura. Jung reconheceu “como conteúdos arquétipos da alma humana, as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas formas de religião” (Jung, 1978, p. 4). A psicanálise e a psicologia analítica são abordagens fundamentadas na teoria freudiana, entretanto apresentam diferenças e características distintas quanto a percepção de ser humano, o inconsciente e o método para tratamento. O ser humano para a psicanálise está subordinado ao inconsciente, que é constituído por impulsos e desejos reprimidos que estão em estreita relação com os conceitos de representação, recalque e resistência. A associação livre é a técnica utilizada, assim como a interpretação dos sonhos.

Para a psicologia analítica de Jung, o ser humano está em busca da individuação. “A personalidade humana é constituída de duas partes: a primeira é a consciência e tudo o que ela abrange; a segunda é o interior de amplidão indeterminada da psique inconsciente” (Jung, 1978, p. 45). Então, para o autor, o inconsciente constituído por fatores desconhecidos, alberga potenciais não realizados e símbolos universais. O marco inicial do rompimento de Jung com a psicanálise freudiana consistiu na apresentação do método associativo-comparativo de investigação dos fenômenos psíquicos, que destaca o caráter coletivo e arquetípico dos elementos psicológicos que se contrapõe a perspectiva individual dos estudos freudianos (Jung, 2007; Penna, 2013). Metodologicamente, o estudo inclui uma revisão bibliográfica, análise textual e estudo de caso. A revisão bibliográfica envolve a coleta e análise de literatura relevante nas áreas de psicanálise, estudos bíblicos e literatura. A análise textual foca na identificação e interpretação de elementos psicanalíticos em textos bíblicos e literários selecionados. O estudo de caso é uma análise detalhada de obras literárias específicas que evidenciam a influência bíblica e psicanalítica. Os resultados esperados deste estudo incluem: (1) desenvolvimento de uma compreensão mais profunda e larga sobre a relação entre a Bíblia, a literatura e a psicanálise; (2) identificação de padrões e temas recorrentes que ligam textos bíblicos e literários através de uma lente psicanalítica; (3) contribuições teóricas que integrem as perspectivas psicanalítica e literária para a análise de textos religiosos e literários. Assim, ao analisar criticamente as intersecções entre a Bíblia, a literatura e a psicanálise, buscamos revelar as camadas de significado presentes nas narrativas bíblicas e literárias, ampliando nossa compreensão da psique humana e das estruturas simbólicas que a moldam. Este estudo interdisciplinar oferece uma abordagem ampla e multifacetada, contribuindo para um diálogo mais profundo e largo entre essas áreas do conhecimento.

1 - Análise Psicanalítica dos Textos Bíblicos: elementos, conceitos e implicações

Os textos bíblicos, considerados sagrados e fundamentais para diversas tradições religiosas, não apenas oferecem narrativas teológicas e morais, mas também constituem um profundo e vasto material para análise sob diferentes perspectivas, incluindo a psicanalítica. Neste capítulo buscamos identificar e analisar os elementos e conceitos psicanalíticos presentes nas escrituras bíblicas, elucidando sua relevância e implicações para a compreensão da psique humana, tais como: Inconsciente Coletivo e Arquétipos; Complexos e Conflitos Internos; Simbolismo dos Sonhos; Transferência e Contratransferência; O Ego, o Id e o Superego.

³ “Os arquétipos são formas ou imagens de natureza coletiva que ocorrem praticamente em toda parte na Terra como constituintes de mitos e, ao mesmo tempo, como produtos individuais de origem inconsciente” (Jung, 2012, p. 58).

1.1. Inconsciente Coletivo e Arquétipos

A teoria do inconsciente coletivo de Jung é particularmente relevante na análise dos textos bíblicos. Jung (1974) postulou que o inconsciente coletivo é composto por arquétipos, que são imagens primordiais e padrões de comportamento compartilhados por toda a humanidade. Nos textos bíblicos, encontramos diversos arquétipos como o Herói, o Sábio, a Grande Mãe e o Trapaceiro. Segundo Jung (1974, p. 69), “os arquétipos são formas ou imagens de natureza coletiva que ocorrem praticamente em todo o globo como constituintes de mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones e individuais do inconsciente”. Isso explica por que figuras como Moisés, o Herói que lidera seu povo para a liberdade, ou a serpente enganadora do Éden, aparecem em culturas diversas ao redor do mundo. Ainda sobre esta afirmação de Jung (1974), ela nos permite sublinhar a natureza universal e a presença onipresente dos arquétipos. Isso reforça a ideia de que figuras como Moisés e a serpente no Éden não são apenas personagens específicos de uma tradição religiosa, mas expressões de padrões arquetípicos que aparecem globalmente, manifestando-se em diferentes formas e contextos.

Sendo os arquétipos padrões universais de comportamento e símbolos que emergem do inconsciente coletivo, entendemos que no contexto dos textos bíblicos, a aplicação dos arquétipos oferece uma nova dimensão de compreensão. Moisés é uma figura arquetípica do Herói. Ele é chamado para uma missão importante (libertar os israelitas), enfrenta desafios significativos (as pragas, a perseguição pelo faraó, a travessia do Mar Vermelho), e finalmente leva seu povo à liberdade. Esse padrão narrativo ressoa com o arquétipo do Herói que encontramos em muitas outras culturas e narrativas, como Hércules na mitologia grega (Jones, 2019) ou Arjuna no épico hindu Mahabharata (Desai, 2019), ou ainda o Trickster, ou Trapaceiro, que é a serpente no Jardim do Éden⁴ sendo um exemplo clássico do arquétipo. O Trickster é uma figura que desafia as normas e causa desordem, frequentemente revelando verdades escondidas ou catalisando mudanças importantes. A serpente engana Eva, introduzindo o conhecimento do bem e do mal, e, assim, altera irrevogavelmente o curso da história humana. Este arquétipo pode ser comparado a Loki (Lind, 2020) na mitologia nórdica ou Anansi em algumas narrativas africanas.

Já Salomão, filho de Davi e terceiro rei de Israel, é um exemplo nítido do arquétipo do Sábio. Sua sabedoria é evidenciada em várias passagens bíblicas, especialmente na narrativa em que ele resolve a disputa entre duas mulheres que clamavam ser mães de um mesmo bebê (1 Reis 3:16-28)⁵. Destacamos também o Arquétipo da Grande Mãe, através do exemplo Bíblico de Maria, Mãe de Jesus. Ela é venerada por sua devoção, pureza e amor incondicional por seu filho. Maria desempenha um papel crucial na narrativa bíblica, desde a Anunciação pelo anjo Gabriel até o nascimento e crucificação de Jesus. Sua figura é associada à nutrição, proteção e sacrifício, características fundamentais do arquétipo da Grande Mãe⁶. Percebemos o Arquétipo da Grande Mãe também na narrativa de 1 Reis (3:16-28). Nessa passagem, Salomão propõe dividir o bebê ao meio, sugerindo que cada mulher receba metade. A verdadeira mãe, movida por um profundo amor e instinto de proteção, imediatamente abre mão do menino, preferindo vê-lo vivo e entregue à outra mulher do que morto. Aqui, vemos a manifestação do arquétipo da Grande Mãe, que sacrifica seus próprios interesses pelo bem-estar de seu filho. Esse gesto altruísta de abrir mão do bebê para salvar sua

⁴ Esta narrativa encontra-se no texto bíblico em *Gênesis* 3.

⁵ Salomão propõe cortar o bebê ao meio, revelando assim a verdadeira mãe, que prefere entregar a criança a vê-la morta. Este julgamento sábio não só demonstra a habilidade de Salomão em discernir a verdade, mas também ilustra sua profunda compreensão da natureza humana e sua capacidade de justiça. “E todo o Israel ouviu falar do julgamento que o rei havia proferido; e temeram o rei, porque viram que havia nele a sabedoria de Deus, para fazer justiça” (1 Reis 3:28).

⁶ “Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador” (Lucas 1:46-47).

vida é uma expressão nítida das características do arquétipo da Grande Mãe, associada à nutrição, proteção e sacrifício. Assim como Maria, mãe de Jesus, cuja devoção e amor incondicional por seu filho são venerados na tradição cristã, a mulher em 1 Reis 3 demonstra o mais puro exemplo de amor materno. Ambas são figuras que personificam o arquétipo da Grande Mãe, simbolizando o sacrifício pessoal em prol da preservação da vida.

A Grande Mãe, como arquétipo, transcende a individualidade e a posse, revelando que o verdadeiro cerne da maternidade está na entrega incondicional ao bem-estar da prole. No caso da mulher que abre mão do bebê, seu ato representa essa entrega total, onde o amor é revelado pela renúncia, mesmo em face da perda. Esse tipo de amor transcende a mera posse e reflete o cuidado, a proteção e o desejo de ver a vida florescer, características intrínsecas do arquétipo da Grande Mãe em várias tradições e narrativas ao longo da história humana. Assim, enquanto Salomão encarna o arquétipo do Sábio, a mulher que abdica de seu filho exemplifica o arquétipo da Grande Mãe, sendo um retrato da sabedoria instintiva e sacrificial que transcende o próprio ego em prol do amor e da vida.

Esses arquétipos ressoam profundamente no inconsciente coletivo, influenciando a maneira como as histórias bíblicas são interpretadas e internalizadas pelos indivíduos. É muito relevante esta abordagem, sendo a identificação de arquétipos nos textos bíblicos significativa por várias razões. Inicialmente elencamos a Interpretação Universal, pois ao reconhecer os arquétipos, é possível entender por que as narrativas bíblicas podem possuir um apelo universal e assim ressoar profundamente em várias culturas. Eles tocam aspectos fundamentais da experiência humana que são compartilhados universalmente. Podemos também trazer a compreensão psicológica, pois a análise dos arquétipos parece oferecer perspectivas sobre os processos psicológicos subjacentes às narrativas bíblicas. Ela revela como essas narrativas refletem e influenciam o inconsciente coletivo da humanidade. Além disso, temos também as pontes culturais. Entendemos que os arquétipos podem fornecer uma ponte entre diferentes culturas e tradições, mostrando como temas semelhantes aparecem em contextos diversos, sugerindo uma conexão profunda e compartilhada na experiência humana.

1.2. Complexos e Conflitos Internos

Os complexos, segundo a psicanálise, são padrões emocionais e comportamentais inconscientes que influenciam a vida consciente. Nos textos bíblicos podemos identificar a presença de complexos e conflitos internos em várias personagens. Um exemplo típico é o complexo de Édipo presente na história de Jacó e Esaú, onde percebemos a luta pelo amor e aprovação do pai, Isaac. Além disso, o complexo de culpa e redenção é um tema recorrente, exemplificado nas histórias de Davi e Saul, onde as personagens enfrentam seus dilemas morais e psíquicos.

Freud (1972) descreveu os complexos como “conglomerados de ideias e emoções associadas” que podem permanecer fora da consciência, mas influenciar fortemente os comportamentos e sentimentos de uma pessoa. A rivalidade entre Jacó e Esaú pode ser vista como uma manifestação do complexo de Édipo, onde Jacó busca a bênção e a aprovação de seu pai, enquanto Esaú, o irmão mais velho, sente-se preterido e traído.

Freud (1972, p. 219) ainda descreveu o complexo de Édipo como “aquelas emoções e ideias que se agrupam em torno da maioria das crianças, e por um certo período, a atitude emocional de um menino para com os seus pais é um fenômeno regular”. A rivalidade entre Jacó e Esaú pode ser vista como uma manifestação desse complexo, onde Jacó engana seu pai para obter a bênção

destinada a Esaú, refletindo a dinâmica de competição e desejo de reconhecimento paternal. Essa rivalidade é carregada de intensos sentimentos de amor, ódio, inveja e culpa, características típicas do complexo de Édipo. O texto menciona também o complexo de culpa e redenção, recorrente nas histórias de Davi e Saul. Essas personagens enfrentam dilemas morais e psíquicos profundos, frequentemente lutando com sentimentos de culpa e a busca por redenção.

Segundo a psicanálise, os complexos são “conglomerados de ideias e emoções associadas” que podem permanecer fora da consciência, mas ainda assim influenciam fortemente os comportamentos e sentimentos de uma pessoa (Freud, 1972). Esses complexos são formados por experiências emocionais significativas e frequentemente dolorosas, que são reprimidas no inconsciente e se manifestam de forma indireta através de comportamentos e sintomas.

Freud (2010, p. 29) argumentou que a culpa é “o mais importante problema no desenvolvimento da civilização e, ao mesmo tempo, o que menos se entende”. Davi, por exemplo, após seu pecado com Bate-Seba, passa por uma intensa crise de culpa. Ele se engaja em atos de penitência e busca o perdão divino, ilustrando o processo de enfrentamento e possível resolução do complexo de culpa. Da mesma forma, Saul enfrenta uma série de conflitos internos devido às suas falhas como rei e seu relacionamento com Davi, resultando em uma espiral de auto sabotagem e arrependimento.

A identificação de complexos nos textos bíblicos oferece uma compreensão mais profunda das motivações e conflitos internos das personagens. Essa análise psicanalítica revela como os complexos moldam as ações e as emoções, muitas vezes de forma inconsciente. Além disso, ilumina a universalidade dessas experiências emocionais, mostrando que os conflitos e dilemas enfrentados pelos personagens bíblicos são reflexões dos mesmos processos psíquicos que influenciam a humanidade em geral.

1.3. Simbolismo dos Sonhos

Os sonhos desempenham um papel significativo na Bíblia, frequentemente utilizados como meio de comunicação divina. Do ponto de vista psicanalítico, os sonhos são uma expressão do inconsciente e podem revelar desejos reprimidos, medos e conflitos internos. O sonho de Jacó com a escada para o céu e os sonhos de José, que preveem seu futuro, podem ser analisados para entender os anseios e as lutas inconscientes das personagens. A interpretação desses sonhos oferece uma janela para os processos psíquicos profundos descritos nas narrativas bíblicas. Inclusive, Freud (1972, p. 160) afirmou que “o sonho é a realização de um desejo”, sugerindo que os sonhos são manifestações dos desejos inconscientes que não podem ser realizados na vida desperta. De acordo com essa perspectiva, os sonhos bíblicos podem ser vistos como expressões dos desejos e medos mais profundos das personagens. Nessa esteira, os sonhos bíblicos são apresentados não apenas como fenômenos psicológicos, mas também como instrumentos de comunicação divina. Esse duplo papel reflete a complexidade dos textos bíblicos, onde aspectos espirituais e psíquicos frequentemente se sobrepõem. A interpretação dos sonhos como visões proféticas mostra a importância de ver além da mera narrativa para entender as profundezas da psique humana e suas conexões com o divino.

A perspectiva freudiana sobre os sonhos como realizações de desejos inconscientes oferece uma ferramenta poderosa para a análise dos textos bíblicos. Ao aplicar essa teoria, podemos ver os sonhos de figuras bíblicas como Jacó e José não apenas como narrativas literárias, mas como reflexões de suas psicoses internas. Essa abordagem nos permite explorar as motivações

inconscientes e os conflitos que moldam suas ações e destinos. Ao analisar o sonho de Jacó com a escada para o céu (*Gênesis* 28:12-15) percebemos que pode ser interpretado como um desejo de conexão e ascensão espiritual. Na visão de Jacó, a escada simboliza uma ponte entre o mundo terreno e o divino, indicando seu anseio por uma ligação mais próxima com Deus e uma busca por orientação espiritual. Segundo Freud, os elementos dos sonhos frequentemente representam desejos latentes. Nesse caso, a escada pode simbolizar a aspiração de Jacó por crescimento espiritual e segurança divina, temas recorrentes na sua jornada. Essa interpretação freudiana ajuda a explicar a motivação subjacente de Jacó em sua busca por uma vida mais conectada espiritualmente, mostrando como os sonhos podem refletir e influenciar as aspirações e comportamentos de uma pessoa.

De Jacó passamos a José, conhecido por sua habilidade de interpretar sonhos, tendo várias visões que preveem seu futuro. Seus sonhos de superioridade sobre seus irmãos (*Gênesis* 37:5-9) podem ser vistos como reflexos de seu desejo de poder e reconhecimento. Freud sugeriu que os sonhos de grandeza frequentemente compensam sentimentos de inferioridade ou insegurança na vida real. Além disso, os sonhos de José sobre a fome iminente no Egito (*Gênesis* 41:1-7) revelam sua capacidade de prever e controlar o futuro, uma habilidade que o eleva ao status de um líder poderoso. Esses sonhos podem ser entendidos como projeções de seus medos de traição e abandono, uma vez que ele foi vendido por seus próprios irmãos. Os sonhos de José exemplificam como os desejos de poder e reconhecimento podem se manifestar em visões oníricas. A interpretação freudiana desses sonhos como compensações para sentimentos de insegurança oferece uma visão esclarecedora sobre a psicologia de José. Além disso, os sonhos premonitórios de José, que garantem sua ascensão ao poder, podem ser vistos como mecanismos para enfrentar e superar seus medos de traição e abandono, fornecendo uma compreensão mais profunda de sua complexa psicologia. Já Jung (1974, p. 44) afirmou que “os sonhos são pequenos portais escondidos nas partes mais profundas e íntimas da alma”. Os sonhos bíblicos, portanto, não são apenas mensagens divinas, mas também expressões simbólicas dos conflitos internos e desejos reprimidos dos personagens. Essas afirmações de Freud e Jung ressaltam a importância dos sonhos como ferramentas para acessar o inconsciente. A visão freudiana e junguiana dos sonhos como portais para os desejos reprimidos e os conflitos internos oferece uma abordagem ampla e profunda para analisar os textos bíblicos. Essa interpretação nos ajuda a entender como os sonhos podem revelar os aspectos ocultos da psique das personagens bíblicas, proporcionando uma visão mais completa e diversa de suas motivações e lutas internas.

Os sonhos servem como um organismo para revelar os aspectos ocultos da psique humana. Eles permitem que desejos e medos reprimidos se manifestem de forma simbólica, oferecendo uma compreensão mais profunda e larga das motivações e conflitos internos dos personagens.

Freud (1990, p. 173) destacou que “o conteúdo manifesto de um sonho muitas vezes disfarça o conteúdo latente, escondendo os verdadeiros desejos do sonhador”. Ao aplicar essa abordagem aos sonhos bíblicos, podemos desvendar os significados ocultos e os anseios profundos das personagens, oferecendo uma visão mais completa e multifacetada das narrativas. A afirmação de Freud (1990) sobre o conteúdo manifesto e latente dos sonhos sublinha a complexidade da interpretação dos sonhos. Aplicar essa abordagem aos textos bíblicos nos permite desvelar os significados ocultos e os desejos reprimidos das personagens, diversificando nossa compreensão das narrativas. Essa análise psicanalítica revela as motivações subjacentes e os conflitos internos, proporcionando uma visão mais profunda e completa das histórias bíblicas.

1.4. Transferência e Contratransferência

A transferência como ferramenta que possibilita a análise em que os sentimentos de uma pessoa são projetados em outra, e a contratransferência, onde o terapeuta projeta seus próprios sentimentos no paciente, são conceitos centrais na psicanálise.

Nos textos bíblicos podemos observar dinâmicas de transferência e contratransferência em várias relações interpessoais. Por exemplo, a relação entre Deus e os profetas muitas vezes reflete uma dinâmica de transferência, onde os sentimentos de amor, medo e devoção são projetados em Deus. A relação entre Jesus e seus discípulos também pode ser entendida através dessa lente, onde os discípulos projetam suas esperanças e ansiedades em Jesus, e Ele, por sua vez, responde a essas projeções. Freud (1996, p. 108) explicou a transferência como um fenômeno onde “a pessoa transfere para o analista sentimentos e desejos originalmente associados a figuras importantes de sua infância”. A transferência é um conceito central na psicanálise, introduzido por Freud, que envolve a projeção de sentimentos e desejos infantis não resolvidos para uma figura atual, geralmente o analista. Esse fenômeno permite ao paciente reviver e elaborar esses sentimentos em um contexto seguro e controlado. No entanto, a transferência não se limita ao ambiente terapêutico; pode ser observada em diversas relações interpessoais, incluindo as descritas nos textos bíblicos. Nos textos bíblicos, a dinâmica de transferência pode ser observada na relação entre Deus e os profetas. Os profetas frequentemente projetam seus sentimentos de angústia, amor e esperança em Deus, criando uma dinâmica que molda suas experiências religiosas e visões. Por exemplo, Jeremias expressa suas queixas e angústias a Deus, refletindo uma transferência de suas emoções humanas para a figura divina. Em *Jeremias* (20:7), ele diz: “Persuadiste-me, Senhor, e persuadido fiquei; mais forte foste do que eu, e prevaleceste; cada dia me tornei objeto de escárnio; cada um deles zomba de mim”. Essa relação entre os profetas e Deus exemplifica a transferência em um contexto religioso. Os profetas, confrontados com desafios e sofrimentos, projetam seus sentimentos intensos em Deus, buscando compreensão e consolo. Essa projeção reflete a necessidade humana de encontrar significado e apoio em uma figura poderosa e benevolente, semelhante à maneira como as crianças buscam segurança e orientação em figuras parentais. A transferência aqui não apenas molda a experiência religiosa dos profetas, mas também influencia a forma como eles percebem e comunicam as mensagens divinas.

Já a contratransferência refere-se aos sentimentos inconscientes que o terapeuta desenvolve em resposta ao paciente, frequentemente baseados em suas próprias experiências e conflitos. Jung (1966, p. 71) definiu a contratransferência como “a reação do inconsciente do analista ao transferencial do paciente”. Essa dinâmica pode ampliar o processo terapêutico, mas também pode interferir se o terapeuta não estiver ciente de seus próprios sentimentos e reações.

Embora o conceito de contratransferência seja mais difícil de aplicar diretamente aos textos bíblicos, podemos considerar como as respostas de Deus e de Jesus refletem e moldam as experiências dos crentes. Por exemplo, a maneira como Deus responde aos pedidos e lamentos dos profetas pode ser vista como uma forma de contratransferência divina, onde as respostas divinas são moldadas pelas emoções e necessidades humanas projetadas em Deus. Em *Números* (11:1-2), a resposta de Deus ao clamor dos israelitas pelo alívio de suas queixas pode ser vista como uma manifestação dessa dinâmica.

A aplicação do conceito de contratransferência às narrativas bíblicas sugere que as respostas divinas podem ser interpretadas como reflexões das necessidades e emoções humanas. Isso implica que as interações entre Deus e os humanos nos textos sagrados são bidirecionais, com

as respostas divinas moldadas pelas projeções humanas. Essa perspectiva oferece uma visão mais complexa e dinâmica das relações divinas-humanas, destacando como as experiências religiosas são influenciadas por processos psíquicos profundos.

A relação entre Jesus e seus discípulos é um exemplo clássico de transferência. Os discípulos frequentemente projetam suas esperanças e ansiedades em Jesus. Eles veem Nele um líder, um salvador, e muitas vezes suas próprias inseguranças e medos são refletidos em suas interações com Ele. Em *Mateus* (16:16), Pedro declara: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, projetando em Jesus suas esperanças messiânicas. Por outro lado, Jesus responde a essas projeções de maneira que pode ser vista como uma forma de contratransferência. Sua paciência, ensinamentos e até repreensões refletem sua resposta às necessidades e expectativas dos discípulos. Em *Lucas* (22:31-32), Jesus diz a Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos peneirar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, fortalece teus irmãos”. Aqui, Jesus reconhece as fraquezas de Pedro, mas também projeta esperança e força nele, respondendo às suas necessidades emocionais e espirituais.

A relação entre Jesus e seus discípulos ilustra como a transferência e a contratransferência podem operar em um contexto espiritual. Os discípulos, projetando suas expectativas e inseguranças em Jesus, encontram Nele uma fonte de apoio e orientação. A resposta de Jesus, moldada por suas percepções das necessidades dos discípulos, reflete um tipo de contratransferência divina. Essa dinâmica bidirecional oferece insights profundos sobre a natureza das relações espirituais e humanas, mostrando como as figuras religiosas podem atuar como espelhos para os desejos e temores de seus seguidores.

A dinâmica de transferência e contratransferência nos textos bíblicos oferece uma perspectiva profunda sobre as interações humanas e divinas. Esses conceitos revelam como os personagens bíblicos lidam com seus próprios conflitos internos e emoções, projetando-os em figuras divinas e recebendo respostas que moldam suas experiências e compreensões espirituais.

Freud (2010, p. 228) destacou que na transferência “o paciente revivencia tudo como vivência atual, em vez de recordar, ele repete; repete, é claro, sob as condições da transferência, de forma compulsiva, e como uma repetição de protótipos infantis [...]” e essa repetição é claramente visível nas relações bíblicas. A aplicação dos conceitos de transferência e contratransferência aos textos bíblicos ilumina as complexas interações entre os personagens e as figuras divinas. Essa abordagem psicanalítica revela as profundezas dos conflitos internos e das emoções humanas, mostrando como essas dinâmicas moldam as experiências religiosas e espirituais. Ao explorar essas relações através da lente psicanalítica, podemos obter uma compreensão mais rica e completa das motivações subjacentes e dos processos psicológicos que influenciam as narrativas bíblicas.

1.7. O Ego, o Id e o Superego

Freud (1996) postulou que a psique humana é composta por três componentes principais: o ego, o id e o superego. Nos textos bíblicos podemos identificar essas estruturas psíquicas em ação. O id, que representa os desejos instintivos e impulsivos, pode ser visto nos comportamentos de personagens como Caim, que age de acordo com seus impulsos homicidas. O superego, que incorpora os ideais morais e as normas sociais, é representado nas leis e mandamentos divinos, como os Dez Mandamentos. O ego, que media entre o id e o superego, é evidenciado nas figuras que buscam equilibrar seus desejos pessoais com as expectativas divinas e sociais, como o rei Salomão.

Freud (1996, p. 15) descreveu o id como “o reservatório da energia psíquica... cego, sem consideração pela realidade”, sendo este a parte primitiva da psique, que contém nossos instintos e desejos mais básicos e impulsivos. É a fonte de nossas energias psíquicas e opera de acordo com o princípio do prazer, buscando a gratificação imediata de seus impulsos (Freud, 1923). Nos textos bíblicos, o id é frequentemente representado pelos desejos instintivos e impulsivos dos personagens. Caim, por exemplo, age impulsivamente ao matar seu irmão Abel, movido pelo ciúme e pela raiva. Esse ato impulsivo e violento é uma expressão clara dos desejos primitivos do id, que busca a satisfação imediata sem considerar as consequências morais ou sociais.

Já o superego é “a agência que contrabalança o id, representando os valores e normas internalizadas” (Freud, 1996, p. 34). O superego é a parte da psique que incorpora os ideais morais e as normas sociais, muitas vezes aprendidos na infância através das figuras parentais e da sociedade. Ele atua como uma espécie de juiz ou censor, guiando o comportamento de acordo com padrões éticos e morais. Moisés, ao receber os Dez Mandamentos, estabelece um conjunto de leis morais que refletem o superego coletivo da comunidade israelita. Esses mandamentos impõem um código moral que contrabalança os impulsos instintivos dos indivíduos, sendo expressão direta dessas normas moralmente elevadas.

O ego, por sua vez, “serve como mediador entre as exigências do id, as restrições do superego e a realidade externa” (Freud, 1996, p. 19). O ego é a parte da psique que tenta equilibrar os desejos instintivos do id com as exigências morais do superego, enquanto lida com as demandas da realidade externa. Ele opera segundo o princípio da realidade, buscando maneiras práticas e socialmente aceitáveis de satisfazer os desejos do id. Personagens bíblicas como o rei Salomão exemplificam o papel do ego como mediador. Salomão é conhecido por sua sabedoria e justiça, qualidades que refletem a capacidade do ego de encontrar um equilíbrio entre os desejos pessoais (id) e as normas divinas (superego). Em suas decisões judiciais, Salomão demonstra uma compreensão profunda das necessidades humanas e das expectativas morais, mediando entre impulsos instintivos e regras éticas. Em sua famosa decisão sobre as duas mães que reivindicam o mesmo bebê (1 Reis 3:16-28), Salomão demonstra a capacidade do ego de mediar entre diferentes interesses e valores, encontrando uma solução justa e sábia que atende às realidades práticas e às normas morais.

A teoria das estruturas psíquicas de Freud oferece uma ferramenta poderosa para analisar os textos bíblicos. Identificar o id, o ego e o superego nos comportamentos e decisões das personagens bíblicas nos permite uma compreensão mais profunda das motivações e conflitos internos que moldam suas ações. Essa abordagem diversifica nossa interpretação das narrativas bíblicas, revelando as complexidades psicológicas subjacentes às histórias sagradas. Freud (1996, p. 56) argumentou que “o ego é um servo de três mestres: o id, o superego e a realidade externa”. Essa descrição é particularmente aplicável ao estudo das personagens bíblicas, que frequentemente lutam para equilibrar seus desejos instintivos, suas obrigações morais e as demandas da vida real.

2 - A Influência da Bíblia em Obras Literárias ao Longo da História

A Bíblia, como um dos textos mais influentes da história humana, exerceu uma profunda influência na literatura de diferentes períodos históricos. Esta investigação busca documentar como temas e narrativas bíblicas foram incorporados e reinterpretados em obras literárias ao longo dos séculos, destacando a continuidade e a transformação dessas influências em contextos culturais e temporais diversos.

Durante a Idade Média, a Bíblia foi uma fonte primordial de inspiração para a literatura. Obras como *A Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321) exemplificam a incorporação de temas

e narrativas bíblicas. Dante utiliza figuras e eventos bíblicos para estruturar sua visão do Inferno, Purgatório e Paraíso, reinterpretando passagens das Escrituras para refletir sua própria visão teológica e moral. Dante descreve a jornada de sua alma através dos reinos do além-vida, guiado por Virgílio e Beatriz. No Inferno, ele encontra figuras bíblicas como Caim, Judas e Lúcifer, cujas histórias são reinterpretadas para enfatizar os temas da justiça divina e da redenção. Por exemplo, a figura de Judas, que traiu Jesus, é retratada como o pior dos pecadores, eternamente punido na boca de Lúcifer: “Numa das bocas estava, toda, a cabeça de Judas Iscariotes, de fora com as pernas se movendo” (Alighieri, 1982, p. 130).

No Renascimento, a redescoberta dos textos clássicos coexistiu com uma renovada atenção à Bíblia. William Shakespeare (1564-1616), em peças como *Hamlet* e *Macbeth*, incorpora referências bíblicas que servem para aprofundar e alargar a complexidade moral e psicológica de seus personagens.

Em *Hamlet* (2008), a referência à ressurreição e ao julgamento final ecoa as escrituras bíblicas. Hamlet, contemplando a mortalidade e a justiça divina, exclama: “Ai de mim, pobre Yorick! Eu o conheci, Horácio. Era um sujeito de infinitas graças, de maravilhosa imaginação: carregou-me às costas mil vezes, e agora – horror! – meu estômago se revira só de pensar nisso. Aqui estava aquela boca que eu tantas vezes beijei...” (Shakespeare, 2008, p. 153). A peça explora a luta do protagonista contra a corrupção e a injustiça, refletindo temas do Antigo Testamento, como a justiça retributiva e a vingança.

Já o Iluminismo trouxe uma abordagem mais crítica e racional à religião, mas mesmo nesse período a Bíblia continuou a influenciar a literatura. Voltaire (1694-1778), embora crítico da religião organizada, usou a narrativa bíblica em obras como *Cândido* para satirizar as doutrinas religiosas e filosofias otimistas da época. Em *Cândido*, Voltaire (2002) parodia a ideia do otimismo de Leibniz, ironizando a crença de que vivemos “no melhor dos mundos possíveis”. Ele usa referências bíblicas para destacar a hipocrisia e a brutalidade da sociedade: “Pangloss ensinava metafísico-teólogo-cosmologonigologia. Ele provava admiravelmente que não há efeito sem causa e que, neste melhor dos mundos possíveis, o castelo do senhor barão era o mais belo dos castelos e a senhora a melhor das baronesas possíveis” (Voltaire, 2002, p. 8).

Durante o Romantismo a Bíblia serviu como uma fonte de temas existenciais e transcendentais. William Blake (1757-1827) reinterpretou as narrativas bíblicas em seus poemas e gravuras, abordando questões de inocência, experiência e a luta entre o bem e o mal. Em *O Tigre* e *O Cordeiro*, Blake utiliza simbolismos bíblicos para explorar a dualidade da criação divina: “Tigre, tigre, brilho fulgente / Nas florestas da noite” (Blake, 2007, p. 44).

Na literatura moderna e contemporânea, a influência da Bíblia continua a ser evidente, muitas vezes de maneiras mais complexas e ambíguas. James Joyce (1882-1941), em *Ulisses* (1922), emprega uma estrutura paralela à de *A Odisseia*, mas com numerosas referências bíblicas que ampliam a narrativa e a caracterização. Joyce faz referência à Bíblia em várias de suas obras de forma simbólica e alegórica. A história de Stephen Dedalus, no livro *Retrato do artista quando jovem*, contém alusões ao filho pródigo, explorando temas de redenção e identidade. Em um dos diálogos, Stephen diz: “Senhor, que me deixes ser e viver” (Joyce, 2014, p. 260) refletindo sua luta por autonomia e identidade espiritual.

A investigação da influência da Bíblia em obras literárias revela uma diversa tapeçaria de reinterpretações e incorporações que refletem as mudanças culturais e intelectuais ao longo da história. Desde a sólida base moral da Idade Média, passando pelas críticas iluministas e as explorações existenciais do Romantismo, até as complexas referências da literatura moderna, a

Bíblia continua a ser uma fonte inesgotável de inspiração literária. Esta continuidade e transformação corroboram não apenas a persistência dos temas bíblicos, mas também a capacidade da literatura de dialogar com o texto sagrado em formas sempre renovadas e significativas.

3 - A Literatura e a Psicanálise: símbolos, temas e narrativas bíblicas

A literatura tem sido um campo fértil para a exploração de temas profundos e complexos, frequentemente utilizando símbolos e narrativas bíblicas para refletir sobre questões psicanalíticas, como o inconsciente, a identidade e os conflitos internos. Do mesmo modo, a psicanálise investiga questões centrais do psiquismo recorrendo à literatura. Este capítulo avalia criticamente como autores literários empregam elementos bíblicos para desvendar os mistérios da psique humana, dialogando com teorias psicanalíticas de Freud (1972) e Jung (2007).

A ideia do inconsciente, introduzida por Freud, sugere que grande parte da nossa vida mental ocorre fora da consciência. Freud (1972, p. 604) afirmou que “os sonhos são a via régia para o conhecimento do inconsciente”. A literatura frequentemente recorre a narrativas bíblicas para ilustrar essas profundezas ocultas da mente humana.

Temos em *O Estrangeiro*, de Camus (1999) o uso do simbolismo da crucificação para explorar o absurdo da existência humana e o inconsciente. A indiferença de Mersault à morte de sua mãe e seu crime aparentemente sem motivação são manifestações de um conflito interno profundo. A narrativa de sua condenação e a inevitabilidade de sua execução ecoam a crucificação de Cristo, refletindo a busca inconsciente por significado em um mundo indiferente.

A utilização de um evento bíblico tão carregado de simbolismo como a crucificação permite a Camus explorar o inconsciente de seu protagonista. Mersault vive uma alienação que ressoa com a perda de sentido e a busca existencial, temas centrais na psicanálise. A crucificação, um símbolo de sofrimento e redenção, é reinterpretada por Camus (1999) para destacar o isolamento emocional e a falta de propósito, expondo o vazio existencial que caracteriza a vida moderna.

Já em *O Morro dos Ventos Uivantes*, Brontë (1979) utiliza a figura de Heathcliff como uma representação das forças inconscientes e destrutivas que podem dominar a psique humana. Heathcliff é frequentemente comparado ao demônio, e sua busca por vingança contra aqueles que o prejudicaram ecoa a narrativa bíblica de Caim e Abel. Seu comportamento impulsivo e destrutivo reflete os desejos reprimidos e a raiva acumulada, que emergem de seu inconsciente. Entendemos que Heathcliff é uma personificação das forças primordiais do id, agindo de acordo com seus impulsos mais sombrios e violentos. Sua busca por vingança e domínio é uma expressão das tensões internas que Freud descreveu como sendo parte do inconsciente reprimido. A narrativa de Heathcliff, com suas alusões bíblicas, permite a Brontë (1979) explorar os aspectos mais sombrios da psique humana e os conflitos internos que podem levar à autodestruição.

Aqui convidamos Jung (2007), que postulou que os arquétipos são imagens e formas que emergem do inconsciente coletivo, refletindo padrões universais de comportamento, sendo o texto bíblico repleto de arquétipos que a literatura utiliza para explorar a construção da identidade.

Como já exploramos, Salomão, filho de Davi e terceiro rei de Israel, é um exemplo claro do arquétipo do Sábio. Sua sabedoria é evidenciada em várias passagens bíblicas, especialmente na narrativa em que ele resolve a disputa entre duas mulheres que clamavam ser mães de um mesmo bebê (1 Reis 3:16-28). Salomão propõe cortar o bebê ao meio, revelando assim a verdadeira mãe, que prefere entregar a criança a vê-la morta. Este julgamento sábio não só demonstra a habilidade de Salomão em discernir a verdade, mas também ilustra sua profunda compreensão da natureza

humana e sua capacidade de justiça. “E todo o Israel ouviu falar do julgamento que o rei havia proferido; e temeram o rei, porque viram que havia nele a sabedoria de Deus, para fazer justiça” (1 Reis 3:28). Seguindo nessa caminhada temos *Jane Eyre*, que Brontë (2001) emprega o arquétipo da Grande Mãe através da figura de Miss Temple, a diretora benevolente da Lowood School, que representa proteção e cuidado maternal. Além disso, a personagem de Jane Eyre passa por uma jornada de individuação, refletindo a busca pela identidade e a integração dos aspectos conscientes e inconscientes da psique. A jornada de Jane Eyre é uma exploração arquetípica da identidade. A influência de figuras maternas e a busca por autossuficiência e amor refletem a complexa interação entre o ego e o inconsciente coletivo, destacando os temas junguianos de individuação e realização pessoal. Miss Temple, como Grande Mãe, fornece a Jane um modelo de bondade e proteção, ajudando-a a desenvolver sua própria identidade em meio a adversidades.

Já em *O Grande Gatsby*, (Fitzgerald, 2011) o personagem de Gatsby pode ser visto como um arquétipo do Herói Trágico, enquanto Daisy Buchanan incorpora elementos do arquétipo da Grande Mãe e da Anima. Gatsby busca incansavelmente um ideal de amor e perfeição, projetado em Daisy, que representa para ele um refúgio e um ideal inatingível. Daisy, por sua vez, é ao mesmo tempo uma figura maternal e uma idealização romântica, o que complica ainda mais a identidade de Gatsby. A idealização de Daisy como uma figura quase divina reflete os conflitos internos de Gatsby entre suas aspirações e a realidade. Sua busca por um ideal inatingível e a subsequente desilusão exemplificam a tensão entre os desejos do id e as restrições da realidade. A narrativa de Fitzgerald utiliza esses arquétipos para explorar a fragilidade da identidade e os perigos da idealização.

No que tange aos conflitos internos, estes são uma área central da psicanálise, e a literatura frequentemente utiliza temas bíblicos para explorar esses conflitos. O exemplo Literário de *Crime e Castigo* de Fiódor Dostoiévski (2001), percebemos que este utiliza a história de Caim e Abel como uma metáfora para o conflito interno de Raskólnikov. Após cometer um assassinato, Raskólnikov enfrenta uma profunda crise de culpa e moralidade, refletindo o dilema bíblico do pecado e da redenção. A narrativa de Raskólnikov em *Crime e Castigo* é uma poderosa exploração do conflito entre o id e o superego, conceitos freudianos. A culpa e o desejo de redenção de Raskólnikov espelham a tensão entre os impulsos primitivos e as normas morais internalizadas, mostrando como Dostoiévski (2001) utiliza a narrativa bíblica para aprofundar a análise psicanalítica do conflito interno. A personagem de Raskólnikov é atormentada por sua consciência, que representa o superego, enquanto seus atos impulsivos e justificações racionais refletem o id e o ego em conflito.

A literatura utiliza símbolos, temas e narrativas bíblicas para explorar e refletir sobre questões psicanalíticas, oferecendo uma visão profunda e larga das complexidades da psique humana. Elementos bíblicos fornecem uma ampla e variada tapeçaria de significados que autores literários empregam para investigar o inconsciente, a identidade e os conflitos internos, dialogando de maneira eficaz com as teorias psicanalíticas de Freud e Jung. Esta interseção entre literatura, Bíblia e psicanálise amplia nossa compreensão da natureza humana e das profundezas emocionais e psicológicas que nos definem.

4 - A Recepção e Interpretação dos Temas Bíblicos e Psicanalíticos na Literatura Contemporânea

A literatura contemporânea continua a ser profundamente influenciada por temas bíblicos e psicanalíticos. Este exame busca entender como esses temas são recebidos e reinterpretados, identificando tendências, debates e novas abordagens na crítica literária e psicanalítica. Através de

uma análise de obras recentes e suas críticas, podemos observar a persistência desses temas e como eles são adaptados para refletir as preocupações modernas.

A recepção desses temas muitas vezes reflete uma busca por significado em um mundo percebido como fragmentado e caótico. Vamos trilhar por sobre alguns desses livros. Começamos com *A Menina que Roubava Livros* de Markus Zusak (2007). Esse livro utiliza a figura da Morte como narrador/a, ecoando temas bíblicos sobre mortalidade e redenção. A narrativa aborda a Segunda Guerra Mundial, refletindo sobre o sofrimento humano e a busca por redenção em tempos de desespero. A presença da Morte como narrador/a reinterpreta a figura bíblica do Anjo da Morte, oferecendo uma perspectiva única sobre a vida e a morte. Zusak utiliza esse símbolo para explorar a fragilidade da vida humana e a inevitabilidade da morte, temas que têm ressonância tanto nas escrituras bíblicas quanto nas teorias psicanalíticas sobre mortalidade e culpa.

A psicanálise, com seu foco no inconsciente, identidade e conflitos internos, continua a ser uma ferramenta vital para a interpretação literária. A literatura contemporânea muitas vezes explora essas questões de maneiras inovadoras, refletindo debates atuais na crítica literária e psicanalítica.

Em *O Conto da Aia* de Margaret Atwood (2017), ela explora temas de repressão e controle através de uma narrativa distópica. A protagonista, Offred, vive em uma sociedade teocrática onde as mulheres são subjugadas e usadas para reprodução. A luta de Offred para manter sua identidade e sanidade em meio à opressão é um estudo profundo dos conflitos internos e do poder do inconsciente. Atwood utiliza elementos psicanalíticos para explorar a resistência do ego contra as forças repressivas do superego institucionalizado. A narrativa de Offred revela como o inconsciente pode atuar como um refúgio e uma fonte de resistência contra a opressão, refletindo debates contemporâneos sobre autonomia, identidade e resistência.

Assim vamos caminhando por sobre a crítica literária contemporânea, que tem se empenhado em reavaliar os métodos de interpretação bíblica e psicanalítica, questionando pressupostos tradicionais e propondo novas abordagens. Enquanto os arquétipos de Jung continuam a ser uma ferramenta popular para a análise literária, há um crescente debate sobre sua universalidade e aplicabilidade. Alguns críticos argumentam que a insistência em arquétipos pode limitar a interpretação literária a padrões ocidentais, negligenciando as complexidades culturais específicas.

A crítica literária contemporânea busca equilibrar a utilidade dos arquétipos junguianos com uma sensibilidade para as variações culturais e contextuais. Isso resulta em uma abordagem mais inclusiva e multifacetada, que reconhece a diversidade de experiências humanas refletidas na literatura.

A interpretação freudiana dos textos literários, com seu foco em temas como o complexo de Édipo, repressão e desejos inconscientes, ainda é influente. No entanto, críticos contemporâneos muitas vezes desafiam a ênfase de Freud na sexualidade e sugerem abordagens mais amplas que incluem considerações socioculturais e políticas. A psicanálise contemporânea está se expandindo para incorporar teorias feministas, pós-coloniais e queer, proporcionando uma análise mais completa e diversificada dos textos literários. Essas abordagens reconhecem a interseção de diferentes formas de opressão e a complexidade das identidades humanas. Desta forma a crítica literária e psicanalítica contemporânea está desenvolvendo novas abordagens que combinam compreensões tradicionais com teorias emergentes, explorando de maneira inovadora temas bíblicos e psicanalíticos, tais como as abordagens Interseccionais. A crítica interseccional examina como diferentes formas de opressão e identidade, como gênero, raça e classe, se cruzam e se

manifestam na literatura. Essa abordagem tem sido utilizada para reinterpretar narrativas bíblicas e psicanalíticas, destacando as complexidades da experiência humana. Aqui destacamos o exemplo literário de *Beloved* de Toni Morrison (2007). Ele explora os traumas da escravidão e suas repercussões psicológicas. A personagem principal, Sethe, enfrenta os fantasmas do passado e a luta para manter sua identidade. Morrison utiliza símbolos bíblicos e psicanalíticos para abordar temas de culpa, redenção e a busca por liberdade, combinando temas bíblicos com uma análise psicanalítica dos traumas geracionais. *Beloved* mostra como os traumas históricos e pessoais se entrelaçam, oferecendo uma abordagem interseccional que ilumina as profundas cicatrizes psicológicas deixadas pela escravidão.

Temos também a Teoria Pós-Colonial e Psicanálise, que examina as consequências do colonialismo e suas representações na literatura. A psicanálise pós-colonial combina insights psicanalíticos com uma crítica das dinâmicas de poder coloniais, explorando como as narrativas bíblicas e psicanalíticas podem ser reinterpretadas à luz das experiências pós-coloniais. O nosso exemplo literário é *Wide Sargasso Sea* de Jean Rhys (2000), em que se reimagina a história de Bertha Mason, a “louca do sótão” de *Jane Eyre*. Rhys explora as raízes coloniais e raciais da personagem, oferecendo uma perspectiva pós-colonial que desafia as interpretações tradicionais. A obra utiliza elementos bíblicos e psicanalíticos para aprofundar a análise das identidades fragmentadas e dos traumas coloniais, subvertendo a narrativa de *Jane Eyre* ao dar voz à personagem marginalizada, revelando as camadas de opressão racial e colonial que influenciam sua identidade. A psicanálise pós-colonial aplicada à obra de Rhys destaca como as dinâmicas de poder e dominação moldam o inconsciente e a identidade.

A literatura contemporânea continua a utilizar temas bíblicos e psicanalíticos para explorar as profundezas da psique humana. A crítica literária e psicanalítica moderna está constantemente reavaliando e expandindo essas abordagens, incorporando novas perspectivas e teorias para refletir as complexidades da experiência contemporânea. Ao identificar tendências, debates e novas abordagens, este estudo demonstra a vitalidade contínua desses temas e sua capacidade de iluminar questões fundamentais sobre a natureza humana.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo analisamos criticamente a presença e a influência dos elementos e conceitos psicanalíticos nas narrativas bíblicas, revelando suas profundas implicações para a compreensão da psique humana. Os textos bíblicos, em sua diversidade de simbolismo e arquetipicamente denso, servem como uma poderosa fonte para a análise psicanalítica, oferecendo insights sobre o inconsciente coletivo, os complexos e conflitos internos, o simbolismo dos sonhos, e as dinâmicas de transferência e contratransferência. A teoria do inconsciente coletivo de Jung, com seus arquétipos universais, nos permitiu entender como figuras bíblicas como Moisés, Salomão, e Maria, a Mãe de Jesus, transcendem suas identidades culturais e históricas para se tornarem expressões de padrões comportamentais e emocionais presentes em muitas das culturas.

Esses arquétipos não só ampliam a interpretação dos textos bíblicos, mas também oferecem um ponto de conexão entre diferentes tradições culturais e religiosas. Por meio da análise dos complexos e conflitos internos, iluminamos as motivações subjacentes e os dilemas morais enfrentados pelas personagens bíblicas. As narrativas de Jacó e Esaú, Davi e Saul, exemplificam como os complexos psicanalíticos, o complexo de Édipo e o complexo de culpa, moldam profundamente as ações e as emoções dos indivíduos. Esse enfoque revela a universalidade dessas experiências

emocionais e psíquicas, revelando que os conflitos enfrentados pelas personagens bíblicas refletem processos psíquicos que são comuns a toda a humanidade. O simbolismo dos sonhos nas narrativas bíblicas, analisado sob a perspectiva freudiana, destacou como os sonhos funcionam como manifestações do inconsciente, revelando desejos reprimidos e medos profundos. Os sonhos de Jacó e José foram estudados como expressões simbólicas de anseios e lutas internas, oferecendo uma compreensão mais ampla e complexa das motivações e destinos dessas personagens. A dinâmica de transferência e contratransferência, aplicada às relações entre Deus e os profetas, e entre Jesus e seus discípulos, proporcionou uma nova lente para interpretar as interações humanas e divinas nas escrituras. Essa abordagem psicanalítica revelou as profundezas dos conflitos internos e das emoções humanas, mostrando como essas dinâmicas moldam as experiências religiosas e espirituais.

Finalmente, a análise das estruturas psíquicas de Freud (o id, o ego e o superego) corroborou com a forma como esses componentes estão presentes nas ações e decisões das personagens bíblicas. Identificamos o id nos desejos impulsivos de Caim, o superego nos mandamentos morais recebidos por Moisés, e o ego na sabedoria mediadora de Salomão. Esta abordagem ampliou e diversificou a compreensão das narrativas bíblicas, revelando as complexidades psicológicas subjacentes às histórias sagradas. Além disso, examinamos a influência contínua da Bíblia na literatura ao longo dos séculos, destacando como temas e narrativas bíblicas foram reinterpretados por autores de diferentes épocas. Desde a Idade Média até a literatura contemporânea, a Bíblia tem sido uma fonte inesgotável de inspiração, proporcionando um terreno fértil para a exploração de temas existenciais, morais e psicanalíticos.

Em conclusão, a interseção entre a literatura, a Bíblia e a psicanálise oferece uma abordagem multidimensional para a compreensão da natureza humana. Através da identificação e análise de arquétipos, complexos, simbolismos dos sonhos, e dinâmicas de transferência, podemos obter uma visão mais profunda das motivações e conflitos internos que moldam as narrativas bíblicas e literárias. Esta abordagem interdisciplinar não só enriquece nossa apreciação das escrituras sagradas, mas também ilumina as profundezas emocionais e psicológicas que nos definem como seres humanos. Davi, por exemplo, após sua relação com Bate-Seba, passa por uma intensa crise de culpa. Ele se engaja em atos de penitência e busca o perdão divino, ilustrando o processo de enfrentamento e possível resolução do complexo de culpa. Da mesma forma, Saul enfrenta uma série de conflitos internos devido às suas falhas como rei e seu relacionamento com Davi, resultando em uma espiral de auto sabotagem e arrependimento.

A identificação de complexos nos textos bíblicos oferece uma compreensão mais profunda, larga e densa das motivações e conflitos internos das personagens. Essa análise psicanalítica revela como os complexos moldam as ações e as emoções, muitas vezes de forma inconsciente. Além disso, ilumina a universalidade dessas experiências emocionais, revelando que os conflitos e dilemas enfrentados pelas personagens bíblicas são reflexões dos mesmos processos psíquicos que influenciam a humanidade em geral.

Referências

- Alighieri, D. *A Divina Comédia*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- Atwood, M. *O Conto da Aia*. São Paulo: Rocco, 2017.
- Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Blake, W. *Songs of Innocence and of Experience*. Londres: Tate Publishing, 2007.

- Brontë, C. *Jane Eyre*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- Brontë, E. *O morro dos ventos uivantes*. Tradução: Paulo Mendes Campos. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- Camus, A. *O Estrangeiro*. São Paulo: Record, 1999.
- Desai, A. Arjuna no épico Mahabharata. In: Patel, V. *Mahabharata: histórias e lendas do épico hindu*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Exemplo, 2019. p. 85-102.
- Dostoiévski, F. *Crime e castigo*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2001.
- Fitzgerald, F. Scott. *O grande Gatsby*. Tradução de Vanessa Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. *A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).
- Freud, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: Freud, S. *Escritos sobre a técnica da análise*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 223-234. (Obras completas, v. 12).
- Jones, E. Hércules na mitologia grega. In: Brown, M. *Mitologia grega: lendas e histórias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Exemplo, 2019. p. 45-67.
- Joyce, J. *Retrato do artista quando jovem*. Tradução: Caetano W. Galindo. São Paulo: Editora 34, 2014.
- Joyce, J. *Ulysses*. Paris: Shakespeare and Company, 1922.
- Jung, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.
- Jung, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução: Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2012. (Obras completas, v. 9/1).
- Jung, C. G. *Prática da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1966.
- Jung, C. *O eu e o inconsciente*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- JUNG, C. *Psicologia e religião*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.
- Lind, I. *Mitologia Nórdica: lendas e mitos*. 2. ed. São Paulo: Editora Nórdica, 2020.
- Morrison, T. *Beloved*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Penna, F. *Jung e o inconsciente coletivo: o rompimento com Freud e as implicações metodológicas*. São Paulo: Paulus, 2013.
- Rhys, J. *Wide Sargasso Sea*. London: Penguin Books, 2000.
- Shakespeare, W. *Hamlet*. São Paulo: L&PM, 2008.
- Voltaire. *Cândido ou o otimismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- Zusak, M. *A menina que roubava livros*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.